



**TASK FORCE 45:  
O PRIMEIRO ESCALÃO ENQUADRANTE DA  
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

*Carlos Roberto Carvalho Daróz*



**Resumo:** O presente artigo analisa a formação, composição e trajetória operacional da Task Force 45 (TF 45), uma unidade temporária do Exército dos Estados Unidos que desempenhou um papel estratégico na campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. A partir do exame do contexto estratégico da campanha italiana, explora-se a necessidade de flexibilidade tática que levou à criação de Task Forces no teatro de operações europeu. Em seguida, são abordadas a origem, estrutura e doutrina operacional da TF 45, evidenciando sua atuação em combate e os desafios enfrentados no terreno montanhoso da Península Itálica. Um aspecto central do estudo é a análise da interação temporária entre a TF 45 e as unidades da Força Expedicionária Brasileira, destacando o impacto dessa ligação para o processo de adaptação da tropa brasileira ao combate. Por fim, o artigo examina a dissolução da TF 45 e seu legado para o estudo da guerra na Itália, ressaltando suas contribuições para a compreensão do emprego de forças-tarefa multinacionais em conflitos modernos.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial, Task Force 45, Campanha da Itália.

**Abstract:** This paper analyzes the formation, composition and operational trajectory of Task Force 45 (TF 45), a temporary U.S. Army unit that played a strategic role in the Italian campaign during World War II. By examining the strategic context of the Italian campaign, the need for tactical flexibility that led to the creation of Task Forces in the European theater of operations is explored. Next, the origin, structure and operational doctrine of TF 45 are discussed, highlighting its combat performance and the challenges it faced in the mountainous terrain of the Italian Peninsula. A central aspect of the study is the analysis of the temporary interaction between TF 45 and the units of the Brazilian Expeditionary Force, highlighting the impact of this link on the process of adapting the Brazilian troops to combat. Finally, the article examines the dissolution of TF 45 and its legacy for the study of the war in Italy, highlighting its contributions to understanding the use of multinational task forces in modern conflicts.

**Keywords:** Second World War, Task Force 45, Italian Campaign.

## INTRODUÇÃO

A Campanha da Itália (1943-1945) foi um dos cenários mais complexos da Segunda Guerra Mundial, caracterizada por operações militares desenvolvidas em terreno acidentado sob condições climáticas adversas e diante de um inimigo fortificado em sucessivas linhas que favoreciam a defesa. Nesse contexto, a criação de unidades táticas flexíveis, como as *task forces* (forças-tarefas), foi essencial para atender às exigências operacionais do conflito. Uma dessas unidades, a *Task Force* 45, destacou-se por sua atuação no setor central da Frente Italiana, onde desempenhou papel relevante nas operações contra as forças do Eixo.

A *Task Force* 45 (TF 45) foi uma formação temporária do Exército dos Estados Unidos (EUA), constituída para operações específicas no avanço aliado pelo norte da Itália. Composta majoritariamente por unidades norte-americanas e reforçada por contingentes britânicos e de outras nacionalidades, foi empregada principalmente em operações de combate em terrenos montanhosos e em missões de apoio às grandes unidades do IV Corpo de Exército dos EUA. Entre setembro e outubro de 1944, parte das tropas da recém-chegada Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi temporariamente enquadrada sob o comando da TF 45, marcando a primeira experiência de combate da FEB no Teatro de Operações do Mediterrâneo.





A importância de estudar a trajetória da TF 45 reside na necessidade de compreender a lógica operacional das forças-tarefas no contexto da Segunda Guerra Mundial e sua relevância para a adaptação das forças aliadas em cenários de guerra dinâmicos. Além disso, a experiência das tropas brasileiras sob o comando dessa grande unidade permitiu uma adaptação mais rápida às condições do campo de batalha e forneceu lições operacionais valiosas para o emprego da FEB nas ofensivas subsequentes, como o ataque a Monte Castello e outras ações envolvendo divisões norte-americanas (Moraes, 2005).

A metodologia empregada nesta pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa, com ênfase na análise de fontes primárias e secundárias. A pesquisa documental concentra-se em arquivos militares, relatórios de batalha, diários de guerra e correspondências oficiais, especialmente disponíveis em arquivos dos EUA, que oferecem possibilidades de estudo e análise acerca das operações da TF 45, sendo a principal delas a *History of Task Force 45: 29 July 44 to 28 January 45*, existente no *U.S. Army Combined Arms Center*. A análise crítica dessas fontes permite reconstruir os eventos, identificar os desafios enfrentados pela unidade e avaliar seu impacto na Campanha da Itália. A pesquisa bibliográfica complementa a análise documental, fornecendo o contexto histórico e as perspectivas de outros pesquisadores sobre o tema.

O presente artigo tem, pois, como objetivo, analisar a formação, composição e trajetória operacional da TF 45, destacando seu papel na campanha da Itália e sua interação com unidades da FEB. Para isso, serão abordados: a) o contexto estratégico da campanha italiana; b) a doutrina militar e a formação das *Task Forces*; c) a origem e estrutura da TF 45; d) sua atuação em combate e o breve enquadramento da FEB; e e) sua dissolução e legado para o estudo da guerra na Itália.

## CONTEXTO ESTRATÉGICO

A frente Italiana, aberta com a invasão aliada da Sicília em julho de 1943 e consolidada com o desembarque na península itálica em setembro do mesmo ano, representou um dos teatros mais desafiadores da Segunda Guerra Mundial. Embora concebida estrategicamente como uma frente secundária para enfraquecer as forças do Eixo e criar uma linha de pressão sobre a Alemanha nazista, a campanha rapidamente tornou-se uma operação prolongada, marcada por batalhas extenuantes e um avanço lento devido à geografia acidentada e às defesas bem organizadas do inimigo (Atkinson, 2007).

Com a queda do líder fascista Benito Mussolini e a rendição da Itália<sup>1</sup>, em setembro de 1943, os alemães assumiram o controle militar total da península, estabelecendo uma sucessão de linhas defensivas com o propósito de dificultar o avanço aliado. Entre essas, a Linha Gótica, apoiada na cordilheira dos Montes Apeninos setentrionais, no final de 1944 era uma das mais fortificadas e desafiadoras (Hastings, 2011). Para romper essa barreira, os Aliados recorreram a formações flexíveis e altamente móveis, como as forças-tarefas, capazes de operar em missões de reconhecimento, apoio a unidades de infantaria e assaltos a posições estratégicas nas montanhas (Fernandes, 2011).

<sup>1</sup> A queda de Benito Mussolini e a rendição da Itália em 1943 ocorreram em meio ao avanço aliado na Sicília e ao crescente descontentamento interno com a condução da guerra. Em 24 de julho de 1943, o Grande Conselho do Fascismo votou pela destituição de Mussolini, que foi preso no dia seguinte por ordem do rei Vítor Emanuel III. Com a nomeação do marechal Pietro Badoglio como primeiro-ministro, iniciou-se uma negociação secreta com os Aliados, culminando no Armistício de Cassibile, assinado em 3 de setembro e anunciado publicamente em 8 de setembro de 1943. A rendição italiana precipitou a ocupação alemã do centro-norte do país e a libertação de Mussolini pelas forças nazistas, levando à criação da República Social Italiana, um regime fantoche sob controle alemão. A Itália, então dividida, tornou-se palco de uma guerra civil e de intensa resistência contra a ocupação alemã até a rendição final em 1945. Ver BOSWORTH, R. J. B. *Mussolini's Italy: life under the fascist dictatorship, 1915-1945*. New York: Penguin Books, 2007.



No final de 1944, a frente de batalha italiana encontrava-se em um impasse. As forças aliadas haviam capturado Roma em junho, mas a ofensiva subsequente foi contida pelo sólido sistema defensivo alemão. A combinação de terreno montanhoso, clima severo e resistência eficiente resultou em combates prolongados e elevadas baixas. Foi nesse contexto que novas forças recém-chegadas, incluindo a FEB, foram incorporadas às operações do XV Grupo de Exércitos aliado, sob o comando do marechal britânico sir Harold Alexander (Fernandes, 2011).

A chegada da FEB à Itália, no segundo semestre de 1944, ocorreu em um momento crítico da campanha. As tropas brasileiras, ainda em fase de aclimação e adaptação ao ambiente operacional europeu, foram inicialmente destacadas para integrar unidades já estabelecidas, como a TF 45, que operava na região dos Apeninos (Fernandes, 2011). Essa vinculação temporária teve um duplo propósito: permitir que os combatentes brasileiros se familiarizassem com as condições do combate na Europa, bem como reforçar os contingentes aliados em missões de patrulha e reconhecimento contra as forças do Eixo (Collier, 2003).

Dessa forma, a TF 45 desempenhou um papel importante dentro da estratégia aliada ao atuar como uma força ágil e especializada em cenários de guerra em terreno difícil na Itália. Sua atuação não apenas auxiliou no desgaste das forças alemãs nas montanhas, mas também serviu como experiência fundamental para as primeiras unidades brasileiras, que em breve seriam colocadas à prova e empregadas em operações ofensivas de maior envergadura, como a Batalha de Monte Castello.

## ORGANIZAÇÃO E ASPECTOS DOUTRINÁRIOS DAS *TASK FORCES*

A criação de unidades temporárias para missões específicas não era uma novidade na história militar, mas a Segunda Guerra Mundial marcou a consolidação da doutrina das *task forces* como um conceito doutrinário fundamental para os exércitos aliados, especialmente o Exército dos EUA. Essas unidades eram organizadas de maneira flexível, reunindo elementos de diferentes especialidades – infantaria, artilharia, blindados, engenharia e apoio logístico – para atender a exigências táticas e operacionais específicas, ou que não podiam ser eficientemente cumpridas por divisões convencionais (United States of America, 1944).

O conceito de *task force* surgiu a partir da necessidade de adaptação rápida à realidade da batalha, permitindo que pequenos contingentes operassem com autonomia e mobilidade. Essa abordagem era particularmente útil em cenários onde a guerra era travada em terrenos de difícil acesso, ou em ações ofensivas que exigiam concentração de força em pontos específicos. A doutrina militar norte-americana consolidou esse modelo durante o conflito, e ele foi amplamente utilizado tanto no teatro do Pacífico, onde forças-tarefas combinavam fuzileiros navais e unidades anfíbias, quanto na Frente Ocidental, especialmente na campanha da Itália e no avanço aliado subsequente ao desembarque na Normandia (Weigley, 1960).

As *task forces* baseavam-se em quatro princípios fundamentais da doutrina militar (United States of America, 1943):

- Flexibilidade – Formadas e dissolvidas conforme a necessidade, essas unidades eram compostas de maneira a atender demandas específicas da missão. O comando era designado de forma temporária, permitindo rápida reorganização.



- Autonomia logística e de comando – Embora subordinadas a grandes unidades, as possuíam relativa independência no planejamento e execução de suas operações, contando com apoio logístico próprio ou diretamente vinculado às unidades de retaguarda.

- Composição modular e adaptável – A estrutura variava de acordo com a missão, o terreno e o inimigo, podendo incluir infantaria leve para operações em áreas montanhosas, artilharia, blindados para ofensivas mecanizadas ou engenharia de combate para operações de assalto.

- Integração multinacional – Em muitos casos, como na TF 45, unidades de diferentes países eram combinadas sob um único comando operacional, reforçando a interoperabilidade entre os aliados e promovendo um esforço de guerra coordenado.

A campanha da Itália destacou-se pelo uso intensivo de *task forces*, principalmente devido ao terreno acidentado, onde o emprego de formações convencionais era frequentemente inviável. As operações exigiam pequenos grupos táticos capazes de se infiltrar por vales, conquistar pontos estratégicos e manter a pressão sobre as forças alemãs, sem depender exclusivamente de ataques em larga escala (Dawsey, 2022).

Dentre essas unidades temporárias, o Quadro 1 destaca as *task forces* do Exército dos EUA que operaram na campanha da Itália:

<b>Task Force</b>	<b>Atuação</b>
Task Force 45	Atuou em missões de reconhecimento e ataques a posições fortificadas entre setembro de 1944 e fevereiro de 1945. Incorporou, temporariamente, tropas brasileiras da FEB em seu contingente.
Task Force Howze	Com base na 1ª Divisão Blindada, era especializada em operações mecanizadas e no avanço rápido através de colinas e vales. Foi empregada em ataques móveis no norte da Itália.
Task Force 92	Unidade vinculada à 92ª Divisão de Infantaria norte-americana, com forte presença de tropas afro-americanas, teve um papel crucial na conquista de Massa e na progressão aliada na região costeira da Ligúria.

Quadro 1 – *Task forces* do Exército dos EUA na Itália

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em diversas fontes

A TF 45, foco deste estudo, foi um exemplo claro do emprego dessa doutrina no avanço aliado pela Itália. Sua composição e táticas serão exploradas detalhadamente nos próximos itens, destacando sua interação com a FEB e seu impacto na estratégia da campanha.

## ORIGEM E COMPOSIÇÃO DA TASK FORCE 45

A TF 45 foi criada em agosto de 1944 como uma força temporária, estruturada a partir de unidades de artilharia antiaérea do Exército dos EUA, convertidas para missões de infantaria no contexto da campanha da Itália, e atuou durante sete meses, até sua desmobilização em fevereiro de 1945. Sua criação surgiu da urgência em reforçar as operações ofensivas aliadas contra as posições fortificadas da Linha Gótica, que constituíam a última grande linha de defesa alemã na península italiana (Fernandes, 2011).



A conversão das unidades de artilharia antiaérea em infantaria temporária foi resultado direto das condições estratégicas do Teatro de Operações do Mediterrâneo. Com a supremacia aérea<sup>2</sup> consolidada pelos Aliados, a presença de aeronaves do Eixo nos céus italianos tornou-se rara a partir de meados de 1944, reduzindo significativamente a necessidade de defesa antiaérea (Craven; Cate, 1949). Ao mesmo tempo, as características do terreno montanhoso da península italiana impunham desafios às operações terrestres, exigindo um número crescente de unidades de infantaria para patrulhamento, ataque e consolidação de posições. Diante desse cenário, e para otimizar o emprego de tropas disponíveis, unidades de artilharia antiaérea foram reconfiguradas para combate terrestre, sendo treinadas e organizadas para operar como infantaria leve, desempenhando missões de assalto, reconhecimento e defesa de posições avançadas.

Originalmente composta por unidades de artilharia antiaérea, a TF 45 foi adaptada para operar como infantaria *ad hoc*, realizando missões ofensivas, reconhecimento e patrulhamento. Essa conversão deu-se devido à redução da ameaça aérea alemã no teatro de operações, permitindo que os canhões antiaéreos de 90 mm fossem empregados também como peças de apoio terrestre (US War Department, 1944).

Em julho de 1944 a 45ª Brigada de Artilharia Antiaérea era responsável por prover a defesa contra aeronaves inimigas no IV Corpo de Exército, e, para isso, contava com um destacamento de alerta antecipado, dois grupos de artilharia antiaérea, dois batalhões de artilharia antiaérea autopropulsados, cinco batalhões de artilharia antiaérea motorizados, dois batalhões de artilharia antiaéreos e uma bateria de projetores. Ao todo, a 45ª Brigada era composta por cerca de 7 mil oficiais e praças (US Army Combined Arms Center, 1945).

As principais missões da TF 45 incluíam:

- Apoio às grandes unidades aliadas no avanço pela Toscana e Apeninos setentrionais.
- Ataques às posições defensivas alemãs, utilizando sua mobilidade e experiência em fogo de apoio.
- Patrulhamento e reconhecimento das áreas disputadas, especialmente em terrenos montanhosos.
- Interdição das rotas de suprimento e retirada alemãs, contribuindo para o enfraquecimento da defesa germânica. (Atkinson, 2007).

Em 14 de julho, o major-general Willis Crittenberger, comandante do IV Corpo, revelou ao brigadeiro-general Paul Rutledge, comandante da 45ª Brigada de Artilharia Antiaérea, seus planos para empregar a brigada (menos algumas de suas unidades) como uma *task force*, para substituir divisões de infantaria em linha<sup>3</sup> já há algum tempo. Para cumprir a missão, e consoante com o conceito flexível das forças-tarefas, a 45ª Brigada receberia novas unidades, de diversas naturezas.

Para possibilitar a conversão de unidades antiaéreas em infantaria, o IV Corpo forneceu oficiais infantis e especialistas em outras áreas para treinar a nova formação. O armamento

<sup>2</sup> O conceito de supremacia aérea na doutrina militar dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial refere-se ao grau mais alto de controle do espaço aéreo sobre um campo de batalha, no qual a força aérea inimiga torna-se incapaz de interferir significativamente nas operações terrestres, navais ou aéreas das forças amigas. Esse estado é atingido por meio da destruição da aviação inimiga, tanto no ar quanto no solo, da neutralização de sua infraestrutura logística e da interdição de suas operações estratégicas e táticas. Ver MEILINGER, Phillip. *Airmen and air theory: a review of the sources*. Maxwell Air Force Base: Air University Press, 2001.

<sup>3</sup> Entre as divisões a serem substituídas, estavam a 34ª e a 91ª Divisões de Infantaria.



da artilharia antiaérea – canhões Bofors 40mm e metralhadoras quádruplas múltiplas calibre .50 – foi recolhido para depósitos na retaguarda, e cada batalhão antiaéreo foi adaptado, tendo suas baterias de canhões convertidas em companhias de fuzileiros, procurando resguardar ao máximo a estrutura de pessoal.

No dia 25, o 435º Batalhão de Artilharia Antiaérea foi dispensado de sua missão de defesa contra aeronaves, seguido pelo 439º Batalhão. Ambas as unidades foram enviadas para a região de Livorno, na retaguarda, a fim de serem convertidas em infantaria. Outras unidades da 45ª Brigada permaneceram desempenhando suas missões típicas de defesa antiaérea<sup>4</sup>



Fig. 1 – Brigadeiro-general Paul Routledge, primeiro comandante da TF 45

Fonte: U.S. Army

<sup>4</sup> Entre estas, o 209º Grupo de Artilharia Antiaérea, o 105º, o 401º, o 630º e o 900º batalhões de artilharia antiaérea, que foram transferidos da 45ª para a 71ª Brigada de Artilharia Antiaérea, para permanecerem cumprindo a missão de defesa contra as aeronaves inimigas. Cf. US Combined Arms Center, 1945.

Nesse sentido, em 26 de julho de 1944, o IV Corpo publicou a Ordem de Campanha nº 6, convertendo oficialmente a 45ª Brigada em TF 45, contendo, inicialmente, as seguintes unidades:

### Comando e Bateria de Comando, 45ª Brigada de Artilharia Antiaérea

#### 91º Grupo de Artilharia Antiaérea

435º Batalhão de Artilharia Antiaérea

439º Batalhão de Artilharia Antiaérea

673ª Companhia de Saúde.

#### 107º Grupo de Artilharia Antiaérea

536º Batalhão de Artilharia Antiaérea

898º Batalhão de Artilharia Antiaérea

671ª Companhia de Saúde.

#### Comando e Companhia de Comando, 2º Grupo Blindado

91º Esquadrão de Reconhecimento (-)

751º Batalhão de Destruidores de Tanques (-)

Companhia do 805º Batalhão de Destruidores de Tanques

Companhia do 894º Batalhão de Destruidores de Tanques

Bateria do 434º batalhão de Artilharia Antiaérea

#### Artilharia Divisionária da 34ª Divisão de Infantaria.

(US Army Combined Arms Center, 1945, p. 4)

A conversão de artilheiros antiaéreos em infantes foi um processo desafiador, exigindo rápida adaptação tática e reorganização logística. Entretanto, a experiência da TF 45 em operações mecanizadas e o apoio de unidades regulares de infantaria garantiram sua eficácia no campo de batalha.

Com a evolução da campanha, a TF 45 passou a se constituir em uma força multinacional, integrando unidades norte-americanas, britânicas e, temporariamente, forças brasileiras. Conforme previa a doutrina, sua estrutura variou conforme as demandas operacionais.



Fig. 2 - Unidade antiaérea britânica incorporada à TF 45 na Itália

Fonte: U.S. Signal Corps



A primeira missão operacional da TF 45 foi manter a linha no corte do rio Arno, mantendo contato direto com a 16ª Divisão SS alemã. Durante todo o mês de agosto, a frente caracterizou-se pela ação de patrulhas e intenso fogo de artilharia e morteiros. Nesse período, a *task force* recebeu baterias do 39º Regimento de Artilharia Antiaérea Leve britânico e também recebeu o 100º Batalhão de Infantaria, composto por nipo-americanos originários do Havaí<sup>5</sup>, além de outras unidades norte-americanas. Em seguida, mais uma unidade britânica, o 47º Regimento de Artilharia Antiaérea Leve, passou ao controle operacional da TF 45.

Nos primeiros dias de setembro, as unidades da TF 45 começaram a transpor o rio Arno, e atingiram, no dia 3, a linha do rio Serchio, enfrentando leve resistência alemã. Na noite de 8 para 9, o 435º Batalhão de Artilharia Antiaérea cruzou o Serchio utilizando botes, e ocupou Nodica, Vecchiano e Avane. No dia seguinte, o 434º Batalhão de Artilharia Antiaérea também conseguiu transpor o rio. Em 13 de setembro as unidades blindadas da TF 45 ocuparam Viareggio.



Fig. 3 – Soldados nipo-americanos pertencentes ao 100º Batalhão dos EUA e subordinados à TF 45 avançando na Itália

Fonte: U.S. Signal Corps

Foi nessa quadra de tempo que a história da TF 45 e da FEB se cruzaram pela primeira vez. Tendo desembarcado na Itália em 16 de julho de 1944 e passado por um período de recebimento de material bélico e treinamento, o Destacamento FEB<sup>6</sup> finalmente iniciou suas operações de combate (Donato, 1996). Na madrugada de 15 para 16 de setembro, o 107º Grupo de Artilharia

<sup>5</sup> O 100º Batalhão de Infantaria (*100th Infantry Battalion*) foi uma unidade do Exército dos EUA formada majoritariamente por nipo-americanos do Havaí. Criado em 1942, após o ataque a Pearl Harbor e em meio à suspeita generalizada contra cidadãos de ascendência japonesa, o batalhão teve de superar desconfianças antes de ser enviado para combate. Integrado ao 34º Regimento de Infantaria e, posteriormente, a 442ª Equipe Regimental de Combate (*Regimental Combat Team*), distinguiu-se nas campanhas da Itália e da França, notabilizando-se por sua bravura em Monte Cassino e na ofensiva para libertação de Roma. A unidade ficou conhecida como o “Batalhão Coração Púrpura”, devido ao grande número de baixas em combate e suas condecorações. Seu desempenho foi crucial para a reabilitação da imagem dos nipo-americanos nos EUA, contribuindo para a revisão das políticas discriminatórias contra essa comunidade. Ver McCaffrey, James. *Going for broke: japanese american soldiers in the war against Nazi Germany*. Norman: University of Oklahoma Press, 2013.

<sup>6</sup> O 1º escalão da FEB partiu do Rio de Janeiro no dia 2 de julho de 1944, e chegou à Itália no dia 16 do mesmo mês. Sob o comando do general de brigada Euclides Zenóbio da Costa, era constituído pelo 6º Regimento de Infantaria, II Grupo de Artilharia, uma companhia do 9º Batalhão de Engenharia, frações de outras armas e serviços, e elementos auxiliares. Antes da centralização da FEB, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, o 1º escalão entrou em combate na região do vale do Serchio, com a denominação de Destacamento FEB. Cf. Moraes, 2005.



Antiaéreo e seu 434º Batalhão foram substituídos por tropas do 6º Regimento de Infantaria da FEB (US Army Combined Arms Center, 1945). Depois de sucessivos avanços aliados, a TF 45 deparou-se com a Linha Gótica, sólida posição defensiva estabelecida na cordilheira dos Apeninos pelas forças alemãs.

Entre os dias 1º e 3 de outubro, a TF 45 operou conjuntamente com a FEB, temporariamente denominada *Task Force Dutra* (Força-Tarefa Dutra), quando esteve sob o comando nominal do ministro da Guerra do Brasil, general Eurico Gaspar Dutra, quando de sua visita ao *front* na Itália (Costa, 1976). Na ocasião, o general Paul Rutledge foi condecorado com a Ordem do Mérito Militar brasileira (US Army Combined Arms Center, 1945).

## OPERAÇÕES DE COMBATE NA LINHA GÓTICA E NOS APENINOS

A TF 45 desempenhou um papel relevante na campanha da Itália, particularmente nas operações realizadas na Linha Gótica e nos Apeninos setentrionais. Sua presença foi fundamental para consolidar posições avançadas, realizar patrulhas de combate e apoiar as ofensivas aliadas contra as forças alemãs entrincheiradas na região.

A Linha Gótica, última grande linha defensiva alemã no norte da Itália, foi estabelecida apoiada na cordilheira dos Apeninos, um terreno montanhoso que favorecia a defesa. A TF 45 foi empregada principalmente para realizar ações de infiltração, reconhecimento e ataques localizados contra posições fortificadas do inimigo.

Com a aproximação de sua força-tarefa da Linha Gótica, o general Rutledge viajou para Lizzano Belvedere para se reunir, pessoalmente, com o comandante Armando, líder de 400-500 *partigiani*<sup>7</sup> ativos na área, a fim de coordenar sua cooperação em uma futura ofensiva na região do Monte Belvedere.

Para romper a Linha Gótica antes do inverno, conforme o planejamento do V Exército dos EUA, o IV Corpo planejou um ataque coordenado contra as posições alemãs nos Apeninos, incluindo a TF 45, que, agora, contava com tropas brasileiras. Para tal, em 18 de novembro de 1944, o IV Corpo emitiu a Ordem de Operações nº 68, que agregava novas tropas à TF 45:

2/370º Regimento de Infantaria (negros norte-americanos)  
3/6º Regimento de Infantaria (FEB)  
Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado (FEB)  
Comando e companhia de comando, 751º Batalhão de Tanques  
Companhia B, 751º Batalhão de Tanques  
Companhia D, 751º Batalhão de Tanques  
Equipes de lançamento de fio  
Em apoio direto  
Duas companhias, 1108º Grupo de Engenharia  
68º Batalhão de Artilharia de Campanha Blindado  
(US Army Combined Arms Center, 1945, p. 21)

<sup>7</sup> Os *partigiani* eram grupos de resistência italiana que lutaram contra o fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. O termo partigiano é a versão italiana de *partisan*, que significa membro de uma tropa irregular que se opõe a uma ocupação estrangeira. Cf. BEHAN, Tom. *A resistência italiana*: fascistas, guerrilhas e os aliados. London: Pluto, 2009.



A missão da TF 45 consistia em “negar o cume do M. Belvedere ao inimigo; capturar e manter o M. Castello-M. della Torracia-M. Terminale; ficar em condições de substituir as tropas brasileiras 48 horas após a notícia da captura de seus objetivos” (Ibid.).

Na manhã de 24 de novembro de 1944, os três batalhões designados para o ataque – o 435º Antiaéreo, o 2/370º Regimento de Infantaria e o 3/6º Regimento de Infantaria da FEB lançaram-se sobre seus objetivos. No setor norte-americano, o 435º batalhão de Artilharia Antiaérea logrou conquistar as localidades de Querciola e Corona, além de obter progressos no Monte Belvedere. O batalhão brasileiro, por sua vez, encontrou grande resistência, e suas tropas foram obrigadas a retornar às posições iniciais, por volta do meio-dia.

No ataque, cerca de 2.000 tiros de artilharia contra as posições inimigas foram disparados em apenas 24 horas. Perto da meia-noite, uma companhia do 1043º Regimento alemão desencadeou um contra-ataque<sup>8</sup> contra a vila de Corona, o qual foi repellido pelos artilheiros antiaéreos do 435º, ação que resultou em seis mortos, dez feridos e 16 prisioneiros alemães (US Army Combined Arms Center, 1945).

Com o insucesso da ofensiva de 24 de novembro, no dia seguinte o IV Corpo decidiu desfechar um segundo ataque, empregando as mesmas unidades. Nessa jornada, o 435º Antiaéreo conseguiu conquistar o cume do Monte Belvedere. Todavia, com a quebra do efeito surpresa na véspera, que havia denunciado os objetivos, os batalhões do 370º Regimento dos EUA e do 6º Regimento brasileiro foram detidos por precisos fogos de morteiros e armas automáticas, sofrendo muitas baixas e frustrando a investida (Ibid.).

Na noite de 26 de novembro, o IV Corpo emitiu a Ordem de Operações nº 70, modificando a ordem de batalha da TF 45 e dispensando as unidades da FEB de seu comando (Ibid., p. 24).

Contudo, na jornada de 29 de novembro, pressionada pelo comando do IV Corpo, a FEB, agora constituída como 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e não mais subordinada à TF 45, realizou uma terceira investida contra o Monte Castello. As péssimas condições meteorológicas e a obstinada defesa alemã não permitiram o sucesso do novo ataque, e, mais uma vez, a quantidade de baixas entre os brasileiros foi elevada (Costa, 1976).

O insucesso das investidas iniciais contra a cordilheira do Belvedere custou o comando do general Rutledge. No dia 1º de dezembro de 1944, o coronel Gerald Gibbs, então subcomandante da TF 45, foi elevado ao comando da força-tarefa, enquanto o general foi dispensado de seu cargo e seguiu para os EUA, a fim de assumir um novo comando no *front* doméstico (US Army Combined Arms Center, 1945).

Durante o inverno de 1944-1945, um dos mais rigorosos da Europa dos últimos 50 anos, o *front* italiano experimentou um período de baixa atividade de combate, caracterizado por patrulhas com pequenos efetivos. Com sua estrutura altamente flexível, a TF 45 foi bastante modificada no período, cedendo tropas para outros comandos e recebendo novas unidades de artilharia antiaérea, após sua conversão para tropas de infantaria. Foi o caso do 900º Batalhão de Artilharia Antiaérea Motorizado, que substituiu o 435º Batalhão (US Army Combined Arms Center, 1945).

<sup>8</sup> Um contra-ataque é uma tática empregada em resposta a um ataque, com o objetivo geral de anular ou frustrar a vantagem obtida pelo inimigo durante o ataque, enquanto os objetivos específicos normalmente procuram recuperar o terreno perdido ou destruir o inimigo atacante. Desde a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) a doutrina militar alemã previa o contra-ataque na primeira oportunidade, sempre que perdiam algum terreno. Ver POSEN, Barry. *The sources of military doctrine: France, Britain, and Germany between the World Wars*. Ithaca: Cornell University Press, 1984.





Mais uma tentativa de conquistar o Monte Castello foi feita pelas tropas brasileiras em 12 de dezembro de 1944, e, para isso, o 2º Grupo Blindado da TF 45 desencadeou ataques diversionários<sup>9</sup> para apoiar o esforço ofensivo. À esquerda do dispositivo, o 900º Batalhão de Artilharia Antiaérea e forças blindadas da TF 45 bombardearam pesadamente a região de Rocca Corneta. Este quarto ataque contra o Monte Castello foi novamente mal-sucedido<sup>10</sup>, e ainda registrou o revés de um contra-ataque alemão contra o Monte Belvedere, que expulsou as tropas da TF 45 que haviam conquistado a posição em 25 de novembro (Brayner, 1968).

Com as neves do inverno já se precipitando sobre a Itália, em 27 de dezembro de 1944, o brigadeiro-general Lee Gerow, subcomandante da 85ª Divisão de Infantaria, foi nomeado comandante da TF 45, ao mesmo tempo em que o 339º Grupo Regimental de Combate<sup>11</sup> da mesma divisão foi incorporado à força-tarefa (US Army Combined Arms Center, 1945).

No princípio de 1945, no dia 9 de janeiro, ocorreu nova modificação na liderança da *task force*, quando o brigadeiro-general Robinson Duff, então subcomandante da 10ª Divisão de Montanha, assumiu o comando (US Army Combined Arms Center, 1945). Ato contínuo, a TF 45 lançou patrulhas na região de Rocca Corneta, Prada, Monte Spigolino e Ospedaletto, e, em seguida, recebeu em sua estrutura o 85º Regimento de Montanha.

A dinâmica da guerra na Itália, nos primeiros meses de 1945, tornou desnecessária a utilização das *task forces*. Com efeito, o major-general George Hays, comandante da 10ª Divisão de Montanha, assumiu o comando da TF 45 no dia 28 de janeiro de 1945, cumulativamente com seu próprio comando. Em seguida, adotou providências administrativas para a desmobilização da força-tarefa. No dia 12 de fevereiro o general Crittenger, comandante do IV Corpo, formalizou a dissolução da unidade<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Uma ação diversionária tem por fim desviar a atenção do inimigo, quanto às verdadeiras intenções de nossas forças. As principais ações diversionárias são a demonstração e a finta. Ver BRASIL. Ministério da Defesa. MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas. Brasília: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015.

<sup>10</sup> No dia 21 de fevereiro de 1945, a FEB lançou seu quinto e decisivo ataque ao Monte Castello, posição fortificada pelos alemães na Linha Gótica, na Itália. A ofensiva integrou a Operação Encore, coordenada pelo IV Corpo de Exército dos Estados Unidos, e contou com apoio da 10ª Divisão de Montanha norte-americana. Após intensos combates e sob forte artilharia inimiga, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária brasileira conseguiu romper as defesas alemãs, assegurando a conquista do objetivo estratégico. Esse êxito resultou de planejamento aprimorado, melhor coordenação com as tropas aliadas e do aprendizado adquirido nos ataques anteriores, consolidando a FEB como força combativa no teatro de operações europeu. Cf. MORAES, op. cit.

<sup>11</sup> A *Regimental Combat Team* era uma estrutura organizacional temporária do Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial - uma *task force* de escalão regimento - concebida para proporcionar maior flexibilidade tática e autonomia a unidades de infantaria em combate. Consistia em um regimento de infantaria reforçado por unidades de apoio, como artilharia, engenharia, comunicações, serviços médicos e blindados, possibilitando operações independentes em cenários dinâmicos de batalha. Essa configuração combinava poder de fogo e mobilidade, adaptando-se às necessidades do campo de batalha sem depender inteiramente de grandes formações divisionárias. Cf. DOUGHTY, Robert A. *The evolution of US Army tactical doctrine*, 1946-76. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute, 1979.

<sup>12</sup> Ordem Geral nº 15, de 11 de fevereiro de 1945, do V Exército dos EUA.



Ao longo de sete meses de combate, com sua estrutura flexível e em momentos distintos, a FT 45 reuniu entre 3 e 8 mil homens, integrantes das unidades constantes no Quadro 2:

<b>EUA</b>
45ª Brigada de Artilharia Antiaérea
91º Grupo de Artilharia Antiaérea
107º Grupo de Artilharia Antiaérea
Bateria C, 351º Batalhão de Artilharia Antiaérea
403º Batalhão de Artilharia Antiaérea
434º Batalhão de Artilharia Antiaérea
435º Batalhão de Artilharia Antiaérea
439º Batalhão de Artilharia Antiaérea
Bateria C, 450º Batalhão de Artilharia Antiaérea
536º Batalhão de Artilharia Antiaérea
898º Batalhão de Artilharia Antiaérea
900º Batalhão de Artilharia Antiaérea
194º Grupo de Artilharia de Campanha
424º Grupo de Artilharia de Campanha
338º Batalhão de Artilharia de Campanha
598º Batalhão de Artilharia de Campanha
910º Batalhão de Artilharia de Campanha
100º Batalhão de Infantaria
339ª Equipe Regimental de Combate
370ª Equipe Regimental de Combate
85º Regimento de Infantaria de Montanha
86º Regimento de Infantaria de Montanha
2º Corpo Blindado
13º Batalhão de Tanques
751º Batalhão de Tanques
755º Batalhão de Tanques
805º Batalhão de Destruidores de Tanques
894º Batalhão de Destruidores de Tanques
91º Esquadrão de Reconhecimento
81º Esquadrão de Reconhecimento
84º Batalhão Químico
179ª Companhia Química



62º Batalhão de Comunicações
310º Batalhão de Engenharia
310º Batalhão de Saúde
621ª Companhia de Saúde
672ª Companhia de Saúde
673ª Companhia de Saúde
615ª Companhia de Saúde
<b>Reino Unido</b>
39º Regimento de Artilharia Antiaérea Leve
47º Regimento de Artilharia Antiaérea Leve
56º Regimento de Artilharia Antiaérea Leve
71º Regimento de Artilharia Antiaérea Pesado
73º Regimento de Artilharia Antiaérea Pesado
74º Regimento de Artilharia Antiaérea Pesado
<b>Brasil</b>
6º Regimento de Infantaria
Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado
<b>Itália</b>
23 regimentos partigiani
Cinco companhias de muares

Quadro 2 – Unidades integrantes da FT 45

Fonte: elaborado pelo autor, com base em US Army Combined Arms Center, 1945

No curso de suas ações, a TF 45 ocupou extensas frentes de combate, tanto em terreno montanhoso, como na costa italiana. Conquistou expressiva porção territorial, avançando desde o corte do rio Arno até a Linha Gótica, nos Apeninos. Em sua atuação, a TF 45 pagou um elevado preço de sangue, totalizando 89 mortos, 297 feridos e 111 desaparecidos em combate (US Army Combined Arms Center, 1945).





## A TASK FORCE 45 E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

A tropa brasileira integrada à TF 45 foi o Destacamento FEB, baseado no 6º Regimento de Infantaria e em unidades de apoio, que passaram a operar sob o comando norte-americano. Durante esse período, os soldados brasileiros participaram de patrulhas, ações ofensivas localizadas e operações de reconhecimento, consolidando sua adaptação às difíceis condições da guerra de montanha (Moraes, 2005). Esse estágio sob a supervisão da TF 45 foi essencial para preparar a FEB para as batalhas subsequentes, em especial a conquista de Monte Castello, ocorrida em fevereiro de 1945, um dos objetivos estratégicos da campanha aliada no norte da Itália.

A subordinação do 6º Regimento de Infantaria à TF 45 representou um momento crucial no aprendizado tático das tropas brasileiras. A FEB, apesar do treinamento prévio realizado em território brasileiro e da instrução complementar recebida na Itália, ainda não havia enfrentado combate direto contra o Exército Alemão. A experiência adquirida durante esse período permitiu que os soldados brasileiros se familiarizassem com as operações combinadas aliadas, que envolviam estreita coordenação entre forças terrestres, artilharia e apoio aéreo (Moraes, 2005).

A cooperação com as tropas norte-americanas e britânicas dentro da TF 45 também ajudou a reforçar o moral da FEB, na medida em que proporcionou aos soldados brasileiros um contato direto com tropas veteranas, consolidando sua confiança no combate contra o inimigo (Fernandes, 2011).

Foi sob o enquadramento da TF 45 que a FEB empreendeu, no final de 1944, os primeiros ataques ao Monte Castello, os quais não lograram êxito. Os primeiros assaltos ao Monte Castello, ocorridos entre novembro e dezembro de 1944, representaram um desafio para a FEB em solo italiano (Donato, 1996). Sob a coordenação da TF 45, os pracinhas enfrentaram um terreno íngreme e fortificado, onde as tropas alemãs detinham vantagem tática. A inexperiência em combate de montanha e a falta de reconhecimento detalhado do terreno contribuíram para as dificuldades iniciais (Fernandes, 2011).

Apesar dos reveses, os primeiros ataques ao Monte Castello, sob a orientação da TF 45, foram cruciais para o aprendizado da FEB. As lições aprendidas em combate, ainda que amargas, permitiram aprimorar as táticas e estratégias. A experiência adquirida em terreno montanhoso e sob o fogo inimigo moldou a combatividade dos pracinhas, preparando-os para os futuros desafios da campanha da Itália. A resiliência e a determinação demonstradas nesse período inicial foram fundamentais para o sucesso da FEB nas batalhas subsequentes (Hilton, 1982). Conforme registrou o chefe do estado-maior da FEB, coronel Floriano Lima Brayner, a memória dos que tombaram no Monte Castello permanece como símbolo da bravura e do heroísmo dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial (Brayner, 1968).

Entre os principais impactos dessa fase inicial de operações, destaca-se a consolidação da doutrina ofensiva da FEB, que aplicou as lições aprendidas junto à TF 45 durante as batalhas, e a melhoria no uso da artilharia e apoio aéreo, que se tornaram elementos centrais nas operações brasileiras na Itália. Além disso, o desenvolvimento de maior coesão entre os comandantes e soldados brasileiros, que passaram a confiar mais em suas capacidades operacionais após o primeiro contato com o inimigo.



Dessa forma, o enquadramento temporário da FEB sob a TF 45 consistiu em uma etapa fundamental na adaptação ao cenário italiano de operações, preparando-a para os desafios da ofensiva final dos Aliados na Itália, e consolidando sua participação na Segunda Guerra Mundial, como uma força eficaz e respeitada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – O LEGADO DA TF 45

A participação brasileira na TF 45 possibilitou um primeiro contato prático com as operações aliadas, facilitando a integração com as forças militares norte-americanas e o aprendizado de técnicas de combate específicas para a guerra em montanha.

A TF 45 desempenhou papel crucial no modelo de operações combinadas, atuando como uma força de infiltração e apoio em missões táticas de curto prazo. Diferente de divisões convencionais, que operavam com grande contingente e planejamento estratégico de longo prazo, a TF 45 possuía as seguintes características:

- Mobilidade e flexibilidade – Sua estrutura permitiu rápidas movimentações e ataques de surpresa contra posições alemãs;
- Guerra de montanha e infiltração – A TF 45 utilizou técnicas de reconhecimento e pequenos destacamentos para penetrar em áreas fortificadas;
- Interoperabilidade entre forças aliadas – A presença de unidades norte-americanas, britânicas e brasileiras exigiu coordenação tática e adaptação a diferentes doutrinas militares;
- Conversão de unidades antiaéreas em infantaria – Representou um caso singular de aproveitamento de tropas especializadas para novas funções, em um contexto dinâmico de combate.

A atuação da TF 45 na Itália exemplificou a aplicação do conceito de *task forces* em cenários de guerra modernos, consolidando a experiência adquirida em operações combinadas para conflitos futuros. Os sete meses em que a TF 45 permaneceu ativa foram marcados por intensos combates, especialmente na região do Monte Castello. A força-tarefa enfrentou a dura realidade do inverno italiano e a resistência das forças alemãs entrincheiradas. As lições aprendidas durante esses confrontos moldaram a estratégia aliada, evidenciando a necessidade de maior coordenação e apoio logístico.

A atuação da TF 45 foi importante para a adaptação das táticas aliadas às condições do teatro de operações (Pyle, 1944). A desativação da *task force* ocorreu em um contexto de mudanças estratégicas. Com o avanço aliado e a conquista de territórios-chave, a necessidade de uma estrutura de comando separada diminuiu. A reorganização das forças aliadas visava aperfeiçoar a cadeia de comando e integrar as unidades de forma mais eficiente. Finalmente, a TF 45, tendo cumprido seu papel inicial, foi considerada desnecessária, e suas unidades subordinadas foram desmobilizadas e absorvidas pelo IV Corpo de Exército (Moraes, 2005).

O fim das operações da TF 45 não diminuiu sua importância histórica, visto que a unidade desempenhou um papel crucial em um período crítico da campanha da Itália, facilitando a



coordenação entre as forças aliadas e contribuindo para o avanço em direção ao norte da península. A experiência adquirida durante as operações foi fundamental para o sucesso das batalhas subsequentes (Donato, 1996).

A força-tarefa cumpriu seu objetivo de coordenar as forças aliadas em um período desafiador, e seu legado permanece como um testemunho da eficiência, flexibilidade e adaptabilidade das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial.

A TF 45, embora de vida relativamente curta, deixou sua marca na história militar da campanha da Itália, e, subsidiariamente, na história militar brasileira.





## FONTES

UNITED STATES OF AMERICA. *Task Force operations in World War II*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1944.

UNITED STATES OF AMERICA. U.S. Army. FM 100-5: *Operations*. Washington: War Department, 1943.

US ARMY COMBINED ARMS CENTER. *History of Task Force 45: 29 July 44 to 28 January 45*. Leavenworth: Fort Leavenworth, 1945. Disponível em <[cgsc.contentdm.oclc.org/digital/collection/P4013coll8/id/3426/](https://cgsc.contentdm.oclc.org/digital/collection/P4013coll8/id/3426/)>. Acesso em 19 jul. 2024.

## BIBLIOGRAFIA

ATKINSON, R. *The day of battle: the war in Sicily and Italy, 1943-1944*. New York: Henry Holt, 2007.

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB: memórias de um chefe de estado-maior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

COLLIER, Paul. *The Second World War: the Mediterranean 1940-1945*. Oxford: Osprey Publishing, 2003.

COSTA, Otávio. *Trinta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

CRAVEN, Wesley; CATE, James. *The Army Air Forces in World War II*, v. 2. Chicago: Chicago University Press, 1949.

DAWSEY, Jason. The Allied campaign in Italy, 1943-45: a timeline. *National WWII Museum*. 27 mai. 2022. Disponível em <<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/allied-campaign-italy-1943-45-timeline-part-two>>. Acesso em 8 mar. 2025.

DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1996.

FERNANDES, Fernando Lourenço. *A estrada para Fornovo: a FEB, outros exércitos e outras guerras na Itália, 1944-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

HASTINGS, Max. *Inferno: the World at war, 1939-1945*. New York: Alfred A. Knopf, 2011.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

PYLE, Ernie. *Brave Men*. New York: Henry Holt, 1944.

WEIGLEY, Russel. *The American way of war: a History of United States military strategy and policy*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1960.



**Carlos Daróz** é coronel de Artilharia do Exército Brasileiro, historiador militar, escritor, professor e pesquisador. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com estágio doutoral na Université Libre de Bruxelles, na Bélgica, com fomento do Programme Erasmus+ da União Europeia. Atualmente integra o grupo de investigação em História Militar da Universidade de Lisboa; dirige a Rede Hermes de pesquisadores internacionais de fronteiras, integração e conflitos; e chefia a Seção de Memória Institucional do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

ID Lattes: 6263305850710284.